

Celeiro em Chamas

William Faulkner

(tradução de Paulo Moreira)

A venda onde se reunia em sessão a corte do Juiz de Paz cheirava a queijo.¹ O menino, agachado num barril nos fundos da sala lotada de gente, sabia que era queijo o que ele cheirava, e mais: de onde ele se sentava podia ver as prateleiras cheias com os volumes sólidos, atarracados, vivos, de latas cujos rótulos seu estômago podia ler, não pelas letras que não tinham qualquer significado para a sua mente, mas pelos diabos escarlates² e pela curva prateada dos peixes – tudo isso, os queijos que ele sabia estar cheirando e a carne hermética que suas entranhas acreditavam estar cheirando, chegando em intermitentes lufadas, momentâneas, breves, por entre o outro cheiro, constante, o cheiro e o senso, de medo um pouco apenas, porque mais que nada de desespero e tristeza, o velho, ímpeto atroz do sangue. Ele não conseguia ver a mesa onde sentava-se o Juiz e ante a qual estavam seu pai e o inimigo de seu pai (*nosso inimigo* ele pensava naquele desespero; *de nós dois! Meu e dele! Ele é meu pai!*), mas ele podia ouvi-los, a bem dizer ouvir dois deles porque seu pai não dissera uma palavra sequer até agora:

– Mas que prova tem o senhor, Senhor Harris?

¹ A falta de uma casa de justiça [courthouse] indica o tamanho pequeno e a pouca importância do lugarejo.

² Desde o final do século XIX o paté de presunto enlatado da empresa Underwood tem até hoje a figura de um diabinho vermelho no rótulo.

– Eu já disse. O porco veio comer na minha plantação de milho. Eu peguei o bicho e mandei de volta para ele. Ele parece que não tinha cerca que parasse o bicho. Eu disse a ele, eu avisei. A próxima vez eu boto esse porco no meu cercado. Quando ele veio buscar o bicho, eu dei para ele arame bastante para ele remendar o cercado dele inteiro. Quando aconteceu de novo eu botei o porco no meu chiqueiro e fiquei com ele lá. Eu peguei o meu cavalo e fui até a casa dele e vi o arame que eu tinha dado para ele ainda enrolado no tambor lá no quintal dele. Eu disse a ele que ele podia reaver o porco dele quando me pagasse um dólar pela engorda do bicho. Aquele dia à noite um crioulo veio com o dinheiro e pegou o porco. Não era um crioulo daqui. Ele falou para mim, ‘ele me pediu pra dizer pro sinhô que madeira e feno pega fogo.’ E eu disse para ele, ‘Quê?’ ‘Foi que ele me pediu pra dizer isso pro sinhô’, o crioulo disse. ‘Madeira e feno pega fogo’. Naquela noite meu celeiro pegou fogo. Eu ainda consegui tirar a criação de lá de dentro mas o celeiro eu perdi”.

– Onde está o crioulo? Você pegou o crioulo?

– Não era um crioulo daqui, eu já disse. Eu não sei o que foi feito dele.

– Mas isso não é prova suficiente. Você não vê que não é prova suficiente?

– Traz aquele menino aqui na frente. Ele sabe. Por um instante o menino também pensou que Harris queria o seu irmão mais velho até que ele disse, “esse não. O pequeno. O menino.” E ele, agachado, pequeno para a sua idade, pequeno, enxuto e forte como o seu pai, com jeans desbotados e remendados como os do seu pai apertados já até

mesmo para ele, com o cabelo castanho escorrido e despenteado e os olhos cinzentos e turbulentos como espuma de tempestade, viu o mar de homens que se postavam entre ele próprio e a mesa abrir-se num corredor de olhares severos ao fim do qual ele via o Juiz, um homem desgastado, de óculos, grisalho, vestido em mangas de camisa, olhando para ele. Sentiu como se o chão lhe fugisse dos pés descalços; ele parecia caminhar sob o peso palpável dos rostos severos que se voltavam para ele. Seu pai, duro na sua casaca preta de domingo, vestido assim não por causa do julgamento mas pela mudança, sequer olhou para ele. *Ele quer que eu minta*, ele pensou, de novo com aquela tristeza e desespero frenéticos. *E eu vou ter que*.

– Qual é o seu nome, menino? o Juiz perguntou.

– Coronel Sartoris Snopes, ele sussurrou.

– Oi? disse o Juiz. “Fala mais alto. Coronel Sartoris? Eu suponho que alguém com o nome de Coronel Sartoris nessa região nem pode falar nada que não seja a verdade, não é mesmo?” O menino não disse nada. *Inimigo! Inimigo!* Ele pensava; por um instante ele não podia sequer enxergar, não podia ver que o Juiz tinha uma expressão amável no rosto nem discernir a ansiedade na voz do Juiz quando se dirigiu ao homem chamado Harris: “Você quer que eu interrogue este menino?” Mas ele podia ouvir, e durante aqueles longos segundos subseqüentes, quando não havia som na salinha lotada de gente salvo a respiração silenciosa e atenta das pessoas, era como se ele estivesse se balançando da ponta de um vinhedo sobre uma ravina e no ponto mais alto do balanço fosse pego em um prolongado instante de gravidade em suspenso, desprovido de peso no tempo.

“Não!” Harris disse violenta, explosivamente. “Diabo! Manda esse menino embora daqui!” Agora o tempo, o mundo fluido, corria por baixo dos seus pés outra vez, as vozes chegando de novo, atravessando o cheiro de queijo e carne selada, o medo e o desespero e a velha mágoa do sangue:

“O caso está encerrado. Eu não posso provar nada contra você, Snopes, mas posso lhe dar um conselho. Vá embora daqui dessa região e não volte mais para cá”.

Seu pai falou pela primeira vez, a voz fria e áspera, monótona, sem ênfase: É o que eu quero. Eu não pretendo mesmo ficar morando num lugar onde a gente ... e completou com algo impublicável e vil, endereçado a ninguém em particular.

– Já é o bastante, disse o Juiz. Pega a sua carroça e saia daqui antes que escureça. Caso encerrado.

Seu pai virou-se e o menino seguiu a casaca preta, dura, a figura enxuta e forte, um pouco cambeta por causa de uma bala de mosquete de um preboste do exército confederado que o atingira no calcanhar quando estava montado na sela de um cavalo roubado há trinta anos atrás;³ seguia as costas de dois agora, já que o irmão mais velho tinha surgido do nada na multidão, não mais alto que seu pai mas mais forte, mascando tabaco constantemente entre as duas fileiras de homens com olhares severos até sair da venda, atravessar a velha varanda e descer os degraus envergados por entre cães e meninotes na suave poeira de maio, onde, à medida em que passavam, alguém rosnou entre os dentes:

– Incendiário!

³ Indicação mais precisa de que a história se passa em 1895.

De novo ele não conseguia enxergar dentro de um turbilhão; havia um rosto imerso numa névoa vermelha, parecendo uma lua, maior que uma lua cheia, cujo proprietário era feio e meio o seu tamanho, ele atirando-se na névoa vermelha na direção do rosto, sem sentir os golpes, sem sentir o baque da sua cabeça no chão, levantando-se de qualquer jeito e atirando-se de novo, de novo sem sentir os golpes e sem sentir o gosto de sangue, levantando-se de qualquer jeito mais uma vez para ver agora o outro menino em plena fuga e ele mesmo já saltando para persegui-lo quando a mão do seu pai puxou-o para trás, a voz áspera e fria soando por sobre seu corpo: “vai, sobe na carroça”.

A carroça estava atrás de uma moita de alfarrobeiras⁴ e amoreiras do outro lado da rua. Suas duas irmãs, paquidérmicas em seus vestidos de domingo, e sua mãe e a irmã dela, com seus vestidos de chita e toucas de sol, já estavam lá dentro, sentadas em cima e entre os míseros restos de mais de uma dúzia de mudanças de que o menino se lembrava – o fogão alquebrado, camas e cadeiras arrebitadas, o relógio incrustado de madreperla parado exatamente quatorze minutos depois das duas horas de um dia e tempo mortos e enterrados e que havia sido o dote de sua mãe. Ela chorava, mas quando o viu enxugou o rosto com a manga da camisa e fez menção de descer da carroça.

– Volta, disse o pai.

– Ele está machucado. Eu tenho que pegar água para lavar a...

⁴ No original *Locust*. Essa árvore encontrada na América do Norte recebeu esse nome em referência a árvore bíblica que prove São João Batista do “mel silvestre” com o qual o profeta se alimenta durante sua peregrinação (Mateus 3:4, Marcos 1:6). A árvore bíblica é a *Ceratonia siliqua* que possui uma fava adocicada.

“Volta pra carroça”, disse o seu pai, e subiu também pulando o taipal da traseira. Seu pai então aboletou-se no assento dianteiro onde o irmão mais velho já se encontrava e açoitou duas vezes com violência, embora sem fúria, as mulas esqueléticas com uma vara nua de salgueiro. Não se tratava sequer de sadismo; era a mesma qualidade que anos depois faria seus descendentes fundirem o motor antes de porem o carro em movimento, açoitando e puxando as rédeas em um mesmo gesto. A carroça seguiu caminho, deixando para trás a venda e sua multidão silenciosa de homens que observavam severos; uma curva na estrada escondeu-os. *Para sempre* ele pensou. *Quem sabe ele agora não está satisfeito, agora que ele já...* interrompendo a si mesmo, para não dizê-lo em voz alta nem para si mesmo. A mãe de sua mãe tocou-lhe o ombro.

– Tá doendo? ela disse.

– Ná, ele disse. Dói não. Me deixa.

– Porque qu’ocê num limpa um pouco desse sangue antes que seque?

– Vou lavar hoje à noite, ele disse. Me deixa, já disse.

A carroça seguiu seu caminho. Ele não sabia para onde estavam indo. Nenhum deles jamais perguntou, porque havia sempre um lugar, sempre uma espécie de casa esperando por eles depois de um dia ou dois dias ou mesmo três dias de viagem. Provavelmente seu pai já havia acertado trabalhar de meeiro em uma outra fazenda antes de... De novo ele interrompeu a si mesmo. Ele (o pai) sempre o fez. Havia algo sobre a sua independência ferrenha como a de um lobo e mesmo sua coragem quando a vantagem era pelo menos neutra que impressionava os

estranhos, como se eles derivassem de sua ferocidade demente não tanto um senso de confiabilidade mas a impressão de que sua convicção feroz no acerto de suas próprias ações seria vantajosa para qualquer um cujo interesse se alinhasse com o seu.

Aquela noite eles acamparam em um bosque entre carvalhos e faias onde corria uma fonte. As noites ainda estavam frias e contra ela eles fizeram um fogo de um varão arrancado de uma cerca próxima e cortado no comprimento – um foguinho, asseado, quase mesquinho, um fogo sagaz; fogueiras assim eram hábito e costume do seu pai, mesmo no tempo gelado. Fosse mais velho, o menino teria se apercebido disso e se perguntado porque não um fogueira grande; porque é que um homem que não apenas havia testemunhado o desperdício e extravagância dos tempos de guerra como tinha em seu próprio sangue uma prodigalidade voraz com tudo o que não lhe pertencia não queimava simplesmente tudo o que visse pela frente? Então ele talvez desse mais um passo adiante em seu raciocínio e pensasse este era o motivo: que aquela chama mesquinho era o fruto vivo de noites passadas durante aqueles quatro anos fugindo de todos os homens, em uniforme cinza ou azul, com seus cavalos em fileira (cavalos capturados, ele os chamava). E se mais velho ainda, ele talvez adivinhasse a verdadeira razão: que o elemento fogo falava a algum veio profundo do seu pai como um ser, como o elemento aço ou pólvora falam a outros homens, como a sua arma para a preservação da sua integridade, sem a qual a vida não valia ser vivida, e portanto algo que devia ser visto com respeito e usado com prudência.

Mas não eram essas as coisas que ele pensava agora e ele tinha visto aquelas mesmas fogueirinhas mesquinhas toda a sua vida. Ele simplesmente comeu a janta ao lado do fogo e já estava quase dormindo sobre o seu prato de metal quando seu pai o chamou, e uma vez mais ele seguiu as costas rígidas, o passo manco rígido e insensível, subindo o morro e prosseguindo pela estrada iluminada pelas estrelas onde, voltando-se, ele podia ver seu pai contra as estrelas mas sem rosto ou profundidade – uma vulto negro, achatado, inanimado como se fora cortado de uma chapa de lata nas dobras do casaco que não havia sido feito para ele, a voz áspera como lata e sem calor como lata:

– Cê ia falar pra eles. Ce teria falado pra ele. Ele não respondeu. Seu pai bateu nele com a palma da mão, com força mas sem emoção, exatamente como ele havia açoitado as duas mulas na saída da venda, exatamente como ele golpearia qualquer uma delas com um porrete para matar uma mosca varejeira, sua voz ainda desprovida de emoção ou raiva: cê já tá virando homem. Tem que aprender. Cê tem que ficar do lado do sangue do seu sangue senão cê acaba sem ninguém do seu sangue pra ficar do seu lado. Cê pensa que algum deles, qualquer um daquele povo lá hoje ficava do seu lado? Cê não sabe que o que eles queriam era uma chance de me pegar porque eles sabiam que eu tinha pegado eles de jeito? Hein? Mais tarde, vinte anos mais tarde, ele iria dizer para si mesmo, “se eu dissesse que eles só queriam a verdade, justiça, ele teria me batido de novo”. Mas agora ele não disse nada. Ele não estava chorando. Ele só ficou ali, em pé.

– Me responde, seu pai disse.

– Sim, ele respondeu num sussurro. Seu pai voltou-se.

– Vai pra cama. Nós vamos chegar lá amanhã.

No dia seguinte eles chegaram. No começo da tarde a carroça parou em frente a uma casa de dois cômodos sem pintura, quase idêntica a uma dúzia de outras casas anteriores nos dez anos de vida do menino,⁵ e outra vez, como em uma dúzia de ocasiões, sua mãe e sua tia desceram e começaram a descarregar a carroça, ainda que suas duas irmãs e seu pai e seu irmão não movessem um dedo.

– Capaz de não servir nem prum porco, uma de suas irmãs disse.

– Mesmo assim é ela que vai servir e cê vai engordar nela e gostar dela, seu pai respondeu. Tira essas cadeiras aí e ajuda sua mãe a descarregar.

As duas irmãs desceram, grandes, bovinas, num farfalhar de laço de fita barata; uma delas puxou da carroça em desordem uma lanterna arrebetada e a outra uma vassoura gasta. Seu pai deu as rédeas ao irmão mais velho e começou a descer com movimentos rijos pela roda da carroça.

– Quando elas acabarem de descarregar, cê leva as mulas pro celeiro e dá de comer. Então o pai disse, e inicialmente o menino achou que ele ainda se dirigia ao seu irmão: Você vem comigo.

– Eu? ele disse.

– É, disse o seu pai. Você.

⁵ A casa de dois cômodos [“dog-trot cabin”] é típica do Mississippi rural e uma família de meeiros como a dos Snopes mudava-se com bastante frequência, quase todo o ano, em busca de trabalho em melhores condições.

– Abner, sua mãe falou. Seu pai parou e olhou para trás – o olhar fixo áspero inabalável por baixo das sobrancelhas peludas, grisalhas, irascíveis.

– Acho que eu vou ter uma palavra com o homem que quer a partir de amanhã ser proprietário meu de corpo e alma pelos próximos oito meses.⁶

Eles retomaram a estrada. Há uma semana – ou seja, antes da noite anterior – o menino perguntaria ao pai onde estavam indo, mas agora não. Seu pai tinha lhe batido outras vezes antes da noite anterior, mas ele nunca havia explicado depois o porquê; era como se o golpe e o tom de voz posterior, calmo, ultrajado, ainda soassem, repercutissem, divulgando nada além da terrível desvantagem que era ser jovem, o peso leve dos seus anos, pesado o bastante na medida apenas para preveni-lo de levantar vôo e livrar-se do mundo como lhe parecia ordenado mas não pesado o suficiente para mantê-lo solidamente assentado no mundo para resistir-lhe e tentar mudar o curso dos eventos.

Agora ele podia ver o bosque de carvalhos e cedros e outras árvores e arbustos floridos onde estava a casa, embora não a casa ainda. Caminharam ao lado da cerca carregada de madressilvas e rosas *Cherokee*⁷ até chegar ao portão aberto entre dois pilares de alvenaria, e

⁶ Um meeiro como Abner pagava o aluguel pela terra em que trabalhava com parte da colheita. O sistema surgiu após a Guerra Civil com o fim da escravidão e o endividamento dos meeiros, que compravam suplementos, ferramentas, mantimentos etc. com crédito em uma venda controlada pelos proprietários, reduzia-os, principalmente em anos de má colheita, a um estado de quase escravidão.

⁷ Ambas espécies, *Lonicera japonica* e *Rosa Laevigata* não são nativas da região. Foram trazidas da Ásia pelos colonizadores espanhóis que disputaram a região com os franceses e depois com os estadunidenses.

agora, além de uma curva do caminho, ele via a casa pela primeira vez e naquele instante esqueceu seu pai e tanto o terror quanto o desespero, e mesmo quando lembrou-se de novo de seu pai (que não havia parado) o terror e o desespero não voltaram. Porque, apesar de todas as doze mudanças, eles só haviam residido em lugares pobres, terra de proprietários e campos e casas pequenos, e ele nunca havia visto uma casa como aquela antes. *É grande feito uma corte de justiça* ele pensou em silêncio, num surto de paz e alegria cuja razão ele não poderia elaborar em palavras, sendo ele novo demais para isso: *eles não correm perigo com ele. Pessoas cujas vidas fazem parte dessa paz e dignidade estão além do seu alcance, ele para eles não é mais que uma vespa zumbindo: capaz de ferrear por um instante e só isso; o encanto dessa paz e dignidade fazendo com que mesmo os celeiros e estábulos e chiqueiros que pertencem a ele sejam intocáveis pelas chamas dêbeis que ele é capaz de tramar ...* isso, a paz e a alegria, num refluxo de um instante enquanto ele olhava mais uma vez para as costas negras e rígidas do seu pai, a andadura rígida e implacável da figura que não era diminuída pela casa, pela simples razão de que nunca parecia grande em qualquer lugar e que agora, em contraste com o fundo de colunas, tinha mais que nunca a qualidade impenetrável de algo cortado grosseiramente de uma chapa de latão, sem profundidade, como se, ao lado do sol, ela não projetasse sombras. Observando-o, o menino reparou o curso absolutamente invariável que seu pai mantivera até ali e viu o pé cambeta pisar em cheio em um monte fresco de esterco onde estivera parado um cavalo na estrada, que seu pai poderia ter evitado com uma simples troca de passo. Mas cresceu só por um momento

porque, ainda que ele não pudesse ter pensado em palavras tudo isso também, caminhando sob o encanto da casa, que ele podia até mesmo desejar mas sem inveja, sem lástima, certamente sem ter sequer aquela cólera enlouquecida e ciumenta que ele desconhecia e que caminhava ali diante dele naquele casaco negro como ferro: *talvez ele sinta também. Talvez ele até mude de agora em diante e deixe de ser aquilo que talvez ele não pudesse deixar de ser.*

Eles atravessaram o pórtico. Agora ele podia ouvir o pé cambeta de seu pai bater com a constância de um relógio nas tábuas, um som desproporcional em relação ao corpo que o produzia e que não era diminuído nem pela porta branca a frente, como se tivesse adquirido uma espécie de mínimo voraz e cruel que não poderia ser diminuído por nada – o chapéu negro, de largas abas planas, a jaqueta formal de tecido fino que um dia havia sido preto e tinha agora o tom esverdeado brilhante do corpo daquelas moscas varejeiras grandes, a manga arregaçada comprida demais, a mão erguida feito uma garra enrolada. A porta abriu tão prontamente que o menino percebeu que o negro já os observava pela janela desde o começo, um velho com o cabelo eriçado bem arrumado, vestido numa casaca de linho, que postou-se de pé barrando a entrada com seu corpo, dizendo, “limpa os pés, branquelo, mó de entrar aqui. De todo jeito o Major num tá em casa agora.”

– Sai da minha frente, crioulo, disse seu pai, de novo sem exaltação, empurrando com violência a porta e o negro também e entrando, seu chapéu ainda posto na cabeça. E agora o menino viu as marcas do pé cambeta no umbral da porta e as viu aparecer no tapete claro logo após o pé deliberadamente maquinal que parecia carregar (ou

transmitir) duas vezes o peso que o corpo abarcava. O negro gritava “Dona Lula! Dona Lula!”⁸ atrás dos dois, então o menino, submerso como se por uma onda cálida pela volta elegante da escada acarpetada e o brilho pendente dos candelabros e a centelha muda das molduras douradas, ouviu os passos apressados e viu a mulher também, uma dama – talvez ele nunca tivesse visto alguém assim antes – num vestido cinza liso com um laço de fita na garganta e um avental amarrado na cintura e as mangas arregaçadas, limpando a massa de bolo ou pão das suas mãos com uma toalha enquanto aparecia pelo hall, olhando não para seu pai, de maneira alguma, mas para as marcas no tapete claro com uma expressão de consternação incrédula.

– Eu tentei, disse o negro. Eu disse pra ele...

– Você poderia por favor retirar-se? ela disse com a voz trêmula. O Major de Spain não se encontra em casa. Você poderia por favor retirar-se?

Seu pai não abriu mais a boca. E não abriu a boca de novo. Ele nem sequer olhou para ela. Apenas plantou-se rígido bem no centro do tapete, com seu chapéu na cabeça, as sobranceiras cinza-ferro desgrenhadas contraindo-se ligeiramente sobre os olhos cor de seixo rolado enquanto ele parecia examinar a casa com deliberação breve. Então ainda com a mesma deliberação ele deu a volta; o menino o viu girar na perna boa e viu o pé capenga girar em arco deixando um último borrão sobre o tapete. Seu pai nunca sequer olhou para o borrão, nem

sequer uma vez ele olhou para o tapete. O negro segurou a porta. Esta fechou-se atrás dos dois, deixando para trás o som de uma lamúria feminina histérica, indistinguível. Seu pai parou no topo da escadaria e limpou as botas na beirada do degrau. No portão ele parou outra vez. Ficou ali parado por um instante firmemente plantado no seu pé cambeta, os olhos voltados para a casa. “Bonita e branquinha, né mesmo?” ele disse. “Aquilo é feito de suor. Suor de crioulo. Vai ver que ainda não está branco o suficiente para ele. Vai ver que ele ainda quer misturar um pouco de suor de branco nela.”

Dois horas depois o menino estava rachando lenha atrás da casa onde sua mãe, sua tia e suas duas irmãs (a mãe e a tia, não as duas meninas, ele sabia; mesmo ali, distantes e amortecidas pelas paredes, as vozes altas e desafinadas das duas meninas emanavam uma incorrigível e indolente inércia) estavam preparando o fogão para fazer a comida, quando ele ouviu os cascos e viu o homem vestido de linho montado em uma linda égua cor-de-canela, que ele reconheceu antes mesmo de ver o tapete enrolado na frente do jovem negro que o seguia em um cavalo baio gordo, de puxar carroça – um rosto encoberto raivoso desaparecendo, ainda em pleno galope, além do canto da casa em que seu pai e seu irmão estavam sentados em duas cadeiras tombadas; e no instante seguinte, quase antes que ele pudesse colocar o machado no chão, ele ouviu os cascos de novo e assistiu a égua cor-de-canela sair do terreiro, já galopando outra vez. Então seu pai começou a gritar o nome de suas duas irmãs, que neste momento emergiam pela porta da cozinha, uma arrastando o tapete enrolado pelo chão enquanto a outra o seguia.

⁸ No original “Miss Lula,” o tratamento Miss com o primeiro nome da pessoa é típico apenas do sul dos Estados Unidos e indica respeito por questões de idade ou, neste caso, raça e classe social.

– Já que cê não vai carregar, vai lá e arruma a bacia, disse a primeira.

– Ô, Sarty! gritou a segunda, vai lá arrumar a bacia! Seu pai apareceu na porta, emoldurado por aquele desvelo do mesmo jeito como quando estava no meio daquela suave perfeição da casa-grande, insensível a qualquer um dos dois, o rosto preocupado da mãe aparecendo por trás do seu ombro.

– Vai, disse o pai, pega a bacia. As duas irmãs pararam, anchas, letárgicas; abaixando-se elas exibiam uma quantidade formidável de pano claro e um farfalhar de fitas espalhafatosas.

– Se eu ligasse tanto assim pra um tapete que fosse trazer ele lá da França eu não largava ele onde o povo fosse patear nele, disse a primeira. Elas ergueram o tapete.

– Abner, disse sua mãe. Me deixa fazer o serviço.

– Cê volta lá pra dentro e trata de arrumar a janta, seu pai respondeu. Eu vou tomar conta disso aqui.

Da pilha de lenha por todo o resto da tarde o menino observou as duas, o tapete estirado na poeira ao lado da bacia, as duas irmãs debruçadas sobre o tapete com aquela relutância profunda e letárgica, enquanto o pai ficava ali em cima das duas, implacável e austero, mandando-lhes trabalhar mas nunca levantando o tom de voz outra vez. Ele podia sentir o cheiro áspero de lixívia⁹ feita em casa que elas usavam; ele viu a mãe chegar até a porta e olhar para eles agora com uma expressão, não de preocupação, mas de desespero; viu seu pai

⁹ No original, “lye”, aqui uma receita caseira, feita de cinzas e água, de solução alcalina altamente corrosiva para a lavagem de roupas

voltar-se para ele, e ele tornou ao machado e viu pelo canto dos olhos seu pai erguer do chão um pedaço meio chato de pedra do campo e examiná-lo e voltar para a bacia e dessa vez sua mãe de fato falou: Abner. Abner, por favor não. Por favor, Abner.

Aí ele terminou o seu serviço também. Estava escurecendo; os curiangos já tinham começado a aparecer. Ele sentia o cheiro de café do cômodo onde eles agora comiam a comida fria que sobrara da refeição do meio da tarde, ainda que quando ele entrasse na casa, ele percebesse que eles estavam tomando café de novo provavelmente porque o fogo estava aceso na lareira, na frente do qual estava o tapete pendurado no espaldar de duas cadeiras. As marcas dos pés do seu pai tinham desaparecido. No lugar delas havia agora escoriações compridas como manchas d’água que pareciam o caminhar esporádico de um homemzinho lilipudiano com seu ínfimo cortador de grama.

O tapete ainda estava pendurado ali enquanto eles comiam a comida fria e depois quando foram dormir, espalhados de forma desordenada e sem sentido pelos dois quartos, sua mãe em um quarto, onde seu pai depois iria se deitar, o irmão mais velho no outro, ele mesmo, a tia e as duas irmãs em catres no chão. Mas seu pai ainda não estava na cama. A última coisa de que o menino se lembrava era a silhueta dura e sem profundidade do chapéu e do casaco debruçado sobre o tapete e parecia para o menino que ele não tinha sequer fechado os olhos quando a silhueta apareceu em pé acima dele, o fogo quase se apagando atrás dela, o pé cambeta cutucando o menino para acordá-lo.

– Pega a mula, seu pai disse.

Quando ele voltou com a mula seu pai estava em pé na porta escura, o tapete enrolado nas costas.

– O senhor não vai montar? ele perguntou.

– Não. Me dá o seu pé.

Ele dobrou seu joelho dentro da mão do seu pai, a força enxuta e forte, surpreendente, fluindo com suavidade, subindo, ele subindo com ela, no lombo nu da mula (eles já tinham tido uma sela; o menino podia lembrar-se ainda que não soubesse quando ou onde) e com a mesma facilidade seu pai alçou o tapete à sua frente. Agora a luz das estrelas retraçava o caminho da tarde, pela estrada poeirenta repleta de madressilvas, através do portão pelo túnel negro da estrada que levava até a casa toda apagada, onde, sentado no lombo da mula, ele sentiu o repelão brusco do tapete arranhando suas coxas até desaparecer.

– O senhor quer que eu ajude? ele sussurrou. Seu pai não respondeu e agora ele escutava de novo aquele pé cambeta golpeando madeira oca do pórtico com aquela deliberação mecânica e surda, aquele exorbitante exageração do peso que de fato carregava. O tapete, empurrado, não arremessado (o menino sabia, mesmo na escuridão) dos ombros de seu pai, bateu no canto entre a parede e o chão com um som incrivelmente alto, estrondoso, e então o pé de novo, sem presa, enorme; uma luz se acendeu na casa e o menino esperando sentado, tenso, respirando pausada e silenciosamente e só um pouco rápido, embora o pé em si não acelerasse suas batidas em absoluto agora que descia os degraus; agora o menino podia vê-lo.

– O senhor quer ir montado agora?, ele perguntou num sussuro.

– Podemos ir os dois montados agora. A luz dentro da casa alterando-se agora, tremeluziu e apagou-se. *Ele está descendo os degraus agora*, ele pensou. Ele já tinha levado até a mula até o toco; neste momento seu pai estava montado por trás dele e o menino dobrou as rédeas na mão e chicoteou o pescoço da mula, mas antes que o animal começasse a trotar o braço magro e duro passou por ele e a mão nodosa puxou o cabresto e pôs a mula de volta na andadura normal.

Aos primeiros raios avermelhados do sol eles estavam no terreno, colocando o arado nas mulas. Dessa vez a égua baia chegou ao terreno antes mesmo que eles a escutassem, o cavaleiro em manga de camisa e com a cabeça descoberta, tremendo, falando com uma voz trêmula como a da mulher na casa, seu pai meramente olhando uma vez para cima antes de debruçar-se de novo sobre o timão que ele prendia ao animal, de maneira que o homem falava para as suas costas curvadas:

– Você deve estar ciente de que estragou completamente aquele tapete. Não havia ninguém aqui, alguma das mulheres da família... ele parou, tremendo, o menino olhando-o, o irmão mais velho apoiado agora na porta do estábulo, mascando, piscando devagar e constantemente aparentemente para o nada. Custou cem dólares. Mas você nunca na vida teve cem dólares. Nem nunca vai ter. Então eu vou lhe cobrar vinte fardos de grão da sua colheita. Vou adicionar isso ao seu contrato e quando você vier ao comissário¹⁰ você pode assiná-lo. Não que isso vá acalmar a Senhora de Spain mas quem sabe não lhe ensina a limpar os pés antes entrar na casa dela de novo.

¹⁰ “Comissary” neste caso é a venda de secos e molhados que fica dentro da propriedade do Major e é freqüentada por seus meeiros.

Então o homem sumiu na estrada. O menino olhou para o seu pai, que ainda não tinha falado nada ou mesmo levantado os olhos outra vez, que estava agora ajustando a chavelha ao timão.

– Pai, ele disse. Seu pai olhou para ele – o rosto inescrutável, as sobrancelhas amarfanhadas por baixo das quais os olhos acinzentados exibiam um brilho frio. De repente o menino caminhou em sua direção, apressado, parando tão abruptamente quanto tinha começado.

– O senhor fez o melhor que podia! ele gritou. Se ele queria outra coisa por que é que não ficou aqui e explicou como é que ele queria. Ele não vai ficar com trinta fardos! Não vai ficar nem com nenhum! A gente pega o fardo e esconde! Eu posso vigiar...

– Você já pôs a relha de volta na aiveca igual eu falei?

– Não senhor, ele respondeu.

– Pois então vai lá fazer o que eu mandei.

Isso foi na quarta-feira. Durante o resto da semana ele trabalhou firme, naquilo que era sua obrigação e além dela, com uma diligência que não precisava ser mando nem comando duas vezes; ele tinha puxado isso de sua mãe, com a diferença que pelo menos alguma coisa do que ele fazia ele gostava de fazer, por exemplo cortar lenha com a machada¹¹ que sua mãe e sua tia tinham ganho com trabalho, ou com dinheiro economizado sabe-se lá como, para dar-lhe de presente no Natal. Na companhia das duas mulheres mais velhas (e numa tarde, até mesmo uma das irmãs), ele construiu cercados para o leitão e a vaca que eram parte do contrato de seu pai com o proprietário, e uma tarde, seu

¹¹ Machado de pequeno porte, do tamanho adequado para crianças menores cortarem lenha.

pai não estando presente, tendo saído montado em uma das mulas, ele foi ao campo.

Eles estavam passando a charrua agora, seu irmão segurando o arado em linha reta enquanto seu pai manejava as rédeas, e andando ao lado da mula que se esfalfava, o solo negro rico ceifando cálido e úmido contra seus tornozelos nus, ele pensou *quem sabe não vai ficar nisso mesmo. Quem sabe os vinte fardos que parecem demais para pagar por um tapete não ficam baratos se ele parar para sempre e sempre de ser como ele costumava ser*; pensando, sonhando agora, de forma que seu irmão teve que chamar-lhe a atenção para que ele prestasse atenção na mula: *quem sabe ele nem vai cobrar os vinte fardos. Quem sabe não vai tudo ser somado e descontado e desaparecer – grão, tapete, fogo; o terror e o pesar, esse sentir-se puxado para dois lados como se estivesse entre duas parselhas de cavalos – acabou, foi-se de uma vez para todo o sempre e sempre.*

Então chegou o sábado; ele olhou para cima e por baixo da mula em que estava pondo o arreio viu seu pai no casaco e chapéu pretos.

– Esse arreio não, disse o seu pai. O da carroça.

E então, duas horas depois, sentado no leito da carroça atrás do assento onde estavam seu pai e seu irmão, a carroça completou uma última curva e ele viu uma venda envelhecida sem traço de pintura com cartazes esfrangalhados de anúncios de tabaco e remédio milagrosos¹² e as carroças arriadas e animais selados logo abaixo da varanda. Ele subiu

¹² No original “patent-medicine”, remédios pretensamente milagrosos, vendidos agressivamente com a ajuda da então nascente publicidade em anúncios e cartazes.

os degraus carcomidos atrás de seu pai e irmão, e de novo lá estava a multidão de rostos quietos, observando, formando uma fileira pela qual os três tinham que passar. Ele viu o homem de óculos sentado na mesa feita com uma prancha de madeira e ninguém precisava dizer-lhe que aquele era o Juiz de Paz; e o menino tinha no rosto agora um olhar fixo de desafio feroz, exultante, aguerrido, dirigido ao homem de colarinho e gravata que ele vira apenas duas vezes antes em sua vida, e mesmo assim montado em um cavalo a galope, que agora trazia em seu rosto uma expressão não de raiva mas de espanto incrédulo que o menino não teria como saber dizia respeito a inacreditável circunstância de ele estar ali sendo processado por um de seus próprios meeiros, e o menino veio e postou-se à frente de seu pai e gritou ao Juiz:

– Não foi ele! Ele num queimou...

– Volta pra carroça, disse o seu pai.

– Queimou? perguntou o Juiz. Será que entendi que o tapete foi também queimado?

– E alguém aqui diz que foi? seu pai respondeu. Volta pra carroça.

Mas ele não obedeceu, ele apenas recolheu-se ao fundo da sala, cheia de gente como a outra também havia estado, mas não para sentar-se como da outra vez, mas para ficar em pé apertando os outros corpos inertes, ouvindo às vozes:

– E você alega que vinte fardos é demasiado para o dano feito ao tapete?

– Ele me trouxe o tapete e disse que queria que eu lavasse as marcas dele. Eu lavei as marcas e levei o tapete de volta para ele.

– Mas você não levou o tapete de volta a ele no mesmo estado em que ele estava quando você fez as marcas nele.

Seu pai não respondeu, e agora talvez por meio minuto não havia qualquer ruído exceto a respiração tênue, constante de um escutar absoluto e atento.

– O senhor se recusa a responder a pergunta, Senhor Snopes? De novo seu pai não respondeu. Eu vou julgar contra o senhor, Senhor Snopes.

– Vou julgá-lo culpado pelo dano feito ao tapete do Major de Spain e considerá-lo legalmente responsável por esse dano. Mas vinte fardos de grão me parecem uma quantidade um pouco elevada para um homem nas suas condições pagar. Major de Spain alega que o tapete custa cem dólares. O grão em outubro deve estar em torno de 50 centavos. Suponho que se o Major de Spain pode arcar com o prejuízo de 95 dólares com algo que ele pagou em dinheiro, o senhor pode arcar com um prejuízo de cinco dólares que ainda não ganhou. Eu o considero a partir de agora em débito para com o Major de Spain na quantia de dez sacas de grão além do contrato que o senhor assinou com ele, a serem pagos com parte da sua safra na época da colheita. Corte suspensão.

Aquilo tudo não tomou quase tempo algum, a manhã ainda mal tinha começado. Ele achava que eles voltariam para casa e talvez retornassem ao campo, já que estavam atrasados, bem atrás dos outros lavradores. Mas ao invés disso seu pai passou por trás da carroça, meramente indicando com a mão que o irmão mais velho seguisse com ela, e cruzou a estrada em direção ao ferreiro do outro lado da rua, o menino correndo apressado atrás de seu pai, alcançando-o, falando,

sussurrando as palavras para o rosto duro, calmo embaixo do chapéu envelhecido:

– Ele não vai botar a mão nem nas dez sacas. Ele não vai botar a mão em nada. A gente vai... – até que seu pai olhou brevemente para ele, o rosto absolutamente calmo, as sobrancelhas grisalhas embaraçadas acima dos olhos frios, a voz quase agradável, quase gentil:

– Você acha mesmo? Bom, vamos esperar até outubro de qualquer jeito.

O problema com a carroça – arrumar um ou dois da roda e apertar o pneu – não tomou muito tempo também, o assunto dos pneus resolvido quando levaram a carroça até o córrego no fundo da oficina e deixaram-na lá, as mulas fuçando a água de tempos em tempos e o menino no assento do motorista segurando as rédeas frouxas, olhando para o morro pelo túnel cheio fuligem do barracão onde o martelo, lento, soava e onde seu pai estava sentado numa tranca de cedro virada de cabeça para baixo, à vontade, conversando ou só escutando a conversa, ainda sentado ali quando o menino trouxe a carroça pingando água do córrego e parou-a na frente da porta.

– Leva elas pra sombra e amarra a carroça lá, disse o pai. Ele fez o que lhe mandaram e voltou. Seu pai e o ferreiro e um terceiro homem sentado de cócoras nos calcanhares dentro da oficina estavam conversando, sobre colheitas e animais; o menino, de cócoras também na poeira com cheiro de amoníaco e retalhos de cascos e crostas de ferrugem, escutou seu pai contar sem pressa uma longa história de antes do nascimento do seu irmão quando ele vivia do comércio com cavalos. E então seu pai aproximou-se de onde ele estava no outro lado da venda

onde ele parou perante um pôster esfrangalhado do circo que passara há um ano, olhando embasbacado e quieto os cavalos escarlates, as inacreditáveis poses e convoluções de tule e coxas e esgares maliciosos dos comediantes, e disse, “está na hora de comer”.

Mas não em casa. De cócoras ao lado do seu irmão encostados na parede da frente, ele viu seu pai emergir da venda e tirar de um saco de papel um pedaço de queijo e dividi-lo cuidadosa e deliberadamente em três com seu canivete e tirar do mesmo saco biscoitos. Os três puseram-se de cócoras na galeria e comeram, devagar, sem falar; depois, na venda de novo, beberam de uma caneca de latão a água tépida recendendo ao cedro do balde e das faias vivas. E ainda então não voltaram para casa. Dessa vez foram até um curral de cavalos, uma cerca alta de varão, ao longo da qual um a um os cavalos eram levados, para serem testados na andadura e no trote e depois meio-galope para frente e para trás pela estrada enquanto o lento movimento de troca e venda prosseguia e o sol começava a curvar-se para o oeste, eles – os três – observando e ouvindo, o irmão mais velho com seus olhos cor de lama e seu mascar de tabaco regular e inevitável, o pai comentando de vez em quando sobre alguns dos animais para nenhum ouvinte em particular.

Chegaram em casa depois do pôr do sol. Comeram então a janta à luz do lampião, sentados nos degraus da entrada, o menino observando a noite completar-se em sua plenitude, escutando os curiangos e os sapos, quando ouviu a voz de sua mãe:

– Abner! Não! Não! Ai, meus Deus. Ai, meu Deus, Abner! e ele levantou-se, deu uma volta e viu a luz alterada pela porta onde um toco

de vela queimava enfiada no gargalo de uma garrafa sobre a mesa e seu pai, ainda com chapéu e casaco, ao mesmo tempo formal e burlesco como se estivesse vestido cuidadosamente para algum cerimonial de violência esculhambado, esvaziando o tanque do lampião de volta num latão de cinco galões de querosene de onde ele havia saído enquanto a mãe puxava-o pelo braço, até que ele trocou o lampião para a outra mão e atirou-a, não selvagem ou cruelmente, apenas com força, contra a parede, as mãos dela atiradas contra a parede em busca de equilíbrio, a boca dela aberta e no seu rosto o mesmo desespero desesperançado presente em sua voz. Então seu pai o viu em pé na porta.

– Vai no celeiro e pega aquela lata de óleo que a gente tava usando pra lubrificar a carroça, ele disse. O menino não se mexeu e então conseguiu falar:

– O que é... ele chorava. O que é que você vai...

– Vai pegar o óleo, disse seu pai. Vai.

Então ele se mexeu, correndo, fora da casa, na direção ao estábulo: era o velho hábito, o velho sangue que ele não teve a permissão de escolher para si, que ele tinha herdado quer queira quer não e que tinha por tanto tempo corrido (e que ele sabia onde, alimentando-se de que senão ultraje e selvageria e desejo) antes de chegar a ele. *Eu podia seguir em frente*, ele pensava. *Eu podia começar a correr e correr e correr e nunca mais olhar para trás, nunca mais precisar olhar para a cara dele outra vez. Só que eu não posso. Não posso*, agora a lata enferrujada em sua mão, o barulho do líquido dentro

da lata¹³ enquanto ele corria de volta para casa e entrava, na direção do som do choro de sua mãe no quarto ao lado, até entregar a lata nas mãos de seu pai.

– Senhor não vai pelo menos mandar um crioulo? ele chorava. Da outra vez pelo menos o senhor mandou um crioulo!

Dessa vez seu pai não bateu nele. A mão veio ainda mais rápido que o golpe, a mesma mão que havia colocado a lata em cima da mesa com cuidado quase excruciante saiu num raio da lata em sua direção, mais rápido do que ele poderia acompanhar, segurando-o pelas costas da sua camisa até deixá-lo na ponta dos pés antes que ele se apercebesse que a mão havia largado o latão, o rosto abaixando-se até ele numa ferocidade sem fôlego e congelada, a velha voz morta por cima dele dirigindo-se ao irmão mais velho que se encostava na mesa, mascando com aquele movimento lateral curioso e constante das vacas:

– Esvazia o lata toda no latão grande e vai. Eu te alcanço.

– É melhor amarar ele no pé da cama, disse o irmão.

– Faz o que eu te mandei, o pai respondeu. Então o menino começou a se mexer, sua camisa amarfanhada e a mão nodosa entre suas clavículas, os dedos do pé mal tocando o chão, atravessando o quarto e entrando no outro cômodo, passando pelas irmãs sentadas com as coxas grossas esparramadas nas duas cadeiras perto da lareira apagada até onde estavam sua mãe e sua tia sentadas lado a lado na cama, os braços da tia em volta dos ombros da mãe.

¹³ No original F. usa o neologismo “splosh”, verbo onomatopéico que parece misturar *splash* e *slosh*.

– Segura ele, o pai mandou. A tia fez um movimento assustado. Você não, disse o pai. Lennie, segura ele. Quero ver você segurar ele. Sua mãe tomou-lhe pelos pulsos. Você vai segurar com mais força. Se ele se soltar, você não sabe o que ele vai fazer? Ele vai acabar parando lá. Ele torceu a cabeça na direção da estrada. Melhor eu mesmo amarrar ele.

– Eu seguro ele, sua mãe sussurrou.

– Vamos ver então. Então seu pai foi embora, o barulho do pé cambeta pesado e meticuloso batendo contra as tábuas, até sumir afinal.

Então ele começou a lutar. Sua mãe pegou-o com os dois braços, ele jogando-se e contorcendo-se contra eles. Ele era mais forte no fim das contas, ele sabia. Mas ele não tinha tempo para esperar. “Me solta” ele gritou. “Eu não quero ter que bater na senhora!”

– Larga o menino! A tia disse. Se ele não for, por Deus, vou eu mesma lá na casa do homem!

– Você não vê que eu não posso? sua mãe gritou. Sarty! Sarty! Não! Não! Me ajuda, Lizzie!

E então ele se livrou. Sua tia ainda tentou agarrá-lo, mas era tarde demais. Ele girou, correndo, sua mãe tropeçando até ficar de joelhos atrás dele, gritando para a irmã dele mais próxima: “Pega ele, Net! Pega ele!” Mas era tarde demais também, a irmã (as irmãs eram gêmeas, nascidas ao mesmo tempo, e mesmo assim nenhuma das duas parecia com a outra agora, superando em volume e peso de carne qualquer outro membro da família) nem havia começado a se levantar da cadeira, a cabeça dela, o rosto, apenas ligeiramente torcido, apresentando-se para ele no flash de um momento fugaz como uma

impressionante vastidão de formas jovens de mulher alheia a qualquer surpresa, vestindo apenas uma vaga expressão de interesse bovino. Então ele saiu do quarto, saiu da casa, na poeira branda da estrada iluminada pelas estrelas e o predomínio pesado das madressilvas, a estrada uma fita clara desenrolando-se com maravilhosa lentidão por baixo dos seus pés, alcançando finalmente o portão e entrando, correndo, coração e pulmões latejando, seguindo pela estrada em direção à casa iluminada, a porta iluminada. Ele não bateu à porta, ele entrou de supetão, soluçando em busca de ar, incapaz por um instante de falar; ele viu o rosto espantado do negro de casaca de linho sem dar-se conta dele quando o negro surgiu.

– De Spain! Ele gritou, bufou. Onde é que... então ele viu o homem branco emergindo da porta branca pelo hall. O celeiro! ele gritava. O celeiro!

– O quê? O homem branco disse. O celeiro?

– Isso, o menino gritou. O celeiro!

“Pega ele!” O homem branco gritou.

Mas de novo era tarde demais. O negro agarrou a sua camisa, mas a manga inteira, apodrecida depois de inúmeras lavações, soltou-se, e ele saiu por aquela mesma porta e pela entrada de novo, e de fato não havia parado de correr mesmo enquanto gritava na cara do homem branco.

Por trás dele o homem branco gritava:

– Meu cavalo! Peguem meu cavalo! e ele pensou por um instante em cortar caminho pelo parque e pular pela cerca até a estrada, ele não conhecia o parque nem quão alta podia ser a cerca coberta de

trepadeiras e não ousava arriscar. Então ele correu pela entrada, sangue e fôlego rugindo; no presente ele estava de novo na estrada embora ele não pudesse vê-la. Ele não podia escutar tampouco: o galope da égua estava quase atrás dele antes que pudesse ouvi-la e mesmo assim ele manteve seu curso, como se a urgência mesma de seu pesar e necessidade enlouquecidos devessem em mais um momento dotá-lo de asas e fazê-lo levantar vôo, esperando até o último instante para então atirar-se para um lado e cair na vala da beira da estrada completamente coberta de mato enquanto o cavalo passava como um trovão em frente, por um instante uma silhueta furiosa contra as estrelas, o tranqüilo céu noturno do início do verão que, antes mesmo da passagem do cavalo e cavaleiro, manchou-se abrupta e violentamente em direção às estrelas: um longo rugido em turbilhão incrível e desprovido de som, borrando as estrelas e o menino saltando de volta para a estrada, correndo outra vez, sabendo que já era tarde demais e ainda assim correndo mesmo depois de ouvir o disparo e, no instante seguinte, dois disparos, parando agora sem saber que havia cessado de correr, gritando “Pai! Pai!”, e então correndo outra vez antes que percebesse que havia recomeçado a correr, pisando em falso, tropeçando em alguma coisa e pondo-se de novo em pé sem parar de correr, olhando para trás por cima dos ombros para o clarão enquanto punha-se em pé, continuando a correr por entre as árvores invisíveis, bufando, chorando aos soluços, “Meu pai! Meu pai!”

À meia-noite ele estava sentado na crista de um morro. Ele não sabia que era meia-noite e não sabia o quanto havia caminhado. Mas já não havia clarão atrás e ele estava sentado, com as costas para o que ele chamara de qualquer maneira lar ainda que por quatro dias, seu rosto

apontado para a mata escura onde ele entraria quando recuperasse o fôlego, pequeno, tremendo com regularidade no frio da escuridão, abraçando-se com os braços metidos dentro do que sobrara da sua camisa puída, a tristeza e o desespero agora não mais terror e medo mas apenas tristeza e desespero. *Pai. Meu pai*, ele pensava.

– Ele foi um bravo! O menino falou em voz alta de repente, em voz alta mas não alto, não mais que um sussurro: Ele foi! Ele esteve na guerra! Ele esteve na cavalaria do Cornel Sartoris! sem saber que seu pai tinha ido para aquela guerra como um soldado raso no velho sentido europeu da expressão, sem vestir um uniforme, aceitando a autoridade e concedendo fidelidade a homem algum, exército ou bandeira alguma, indo para a guerra como fez Malbrouck¹⁴: pelo saque – não significando nada e menos que nada se a presa de guerra era do seu próprio exército ou do inimigo.

As lentas constelações seguiam o seu curso. Em pouco chegaria a madrugada e o nascer do sol e ele teria fome. Mas então seria amanhã e agora o que ele tinha apenas frio, e caminhar era uma solução para isso. Seu fôlego já mais tranqüilo agora, decidiu levantar e seguir em frente, e então percebeu que tinha estado dormindo porque sabia que era quase alvoreada e a noite estava quase no seu fim. Ele sabia por causa

¹⁴ Malbrouck é a grafia francesa de Marlborough, o duque inglês John Churchill, famoso no século XVIII pela canção “Malbrouck s'en va-t'en guerre”, versão jocosa dos franceses para a famosa canção inglesa “For He's a Jolly Good Fellow” [conhecida por nós como “Ele é um bom companheiro”], comentando a participação de Churchill em diversas guerras por motivo de interesse financeiro particular. Jonathan Swift fez ataques virulentos a ambição e ganância desmedidas do duque na Guerra da Sucessão Espanhola [1701-1714). A atuação de Abner Snopes como ladrão de cavalos durante a Guerra civil é parte importante do romance *The Unvanquished* de 1938.

dos curiangos. Estavam por toda a parte agora, entre as árvores escuras lá embaixo, constantes, inflexíveis e incessantes, de tal forma que, à medida em que o instante em que eles teriam que dar lugar aos pássaros do dia aproximava-se cada vez mais, já não havia intervalo algum entre o vôo de um e de outro. Ele levantou-se. Estava um pouco duro, mas caminhar seria solução para isso também como seria para o frio, e logo chegaria o sol. Ele desceu o morro, na direção da mata escura na qual as líquidas vozes prateadas dos pássaros chamavam incessantes – o ritmo rápido e urgente do urgente coração cantante da noite do final da primavera. Ele não olhou para trás.